

UM 'HERÓI' PARA QUEM AGUARDA TRANSPLANTE DE MEDULA

A serviço da vida

A entrevista estava marcada e o fotógrafo já começava a fazer as primeiras imagens de André de Souza Chagas, 35 anos, cabo do Corpo de Bombeiros do Quartel do Catete, no Rio, quando a sirene tocou. Era o sinal para cancelar todo o esquema agendado com mais de uma semana de antecedência. Motivo: uma emergência. Horas depois, ficaríamos sabendo que André, bombeiro há 11 anos, foi prestar socorro a um homem que tinha sido atropelado no bairro de Botafogo. Para ele e seus colegas de equipe, nada demais. Uma sexta-feira como outra qualquer, com direito à feijoada no cardápio dos 80 integrantes do grupamento. Situações de risco, adrenalina e corre-corre fazem parte do cotidiano do André bombeiro, que é casado, pai de uma menina de 5 anos, que, em breve, ganhará uma irmãzinha.

O que poucos sabem, porém, é que, mesmo sendo um “salvador” profissional de vidas – com a média de seis atendimentos diários –, André continua sua “missão” também fora do trabalho: ele é doador de medula óssea. Constantemente, também doa sangue e já pensa em doar seus órgãos. A justificativa é uma só: “Se Deus dá uma chance a alguém para continuar a viver, não sou eu quem vai negar.” O transplante de medula óssea é uma forma de tratamento e, muitas vezes, a única chance de cura para pacientes com leucemia e outras doenças do sangue.

Há quatro anos, André é cadastrado no Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea (Redome), do Instituto Nacional de Câncer (INCA). “Eu tinha feito uma doação de sangue no Hemorio e uma assistente social me viu de farda e perguntou se não me interessaria em doar medula.” Ao justificar os motivos para aderir à causa, ele ainda se comove, lembrando que perdeu uma tia querida com câncer de mama. “Eu me senti feliz em poder, mais uma vez, ajudar alguém a viver”, acrescenta o bombeiro.



Para o cadastro, é necessária a coleta de 5 ml de sangue para exames e o preenchimento de uma ficha com informações pessoais do candidato à doação. A amostra é submetida a um teste de laboratório chamado HLA, que identifica as características genéticas e permite avaliar a compatibilidade com os candidatos a transplante. Caso haja compatibilidade com o paciente, outros exames serão necessários. “No Hemório, fui informado de que poderia até não ser chamado, mas seis meses depois me ligaram para que eu fizesse a doação”, lembra André. A decisão de se tornar um doador de medula foi logo apoiada pela mulher, Daniela, que é técnica de enfermagem e acompanhou André às reuniões do Redome.

Já na etapa da doação, que é um procedimento que se faz em centro cirúrgico, sob anestesia peridural ou geral, é necessária a internação por um mínimo de 24 horas. André já passou por isso. Ele foi convocado e, durante o processo realizado no INCA, teve chance de conhecer mais de perto as pessoas que estavam à espera de um transplante. “Havia um rapaz de 16 anos, com leucemia, que estava na enfermaria aguardando a vinda de um irmão do Nordeste para doar medula para ele. Em momento algum, o rapaz ficava triste ou desanimado. Para mim, foi compensador saber que estava ajudando a amenizar o sofrimento de alguém e trazendo esperança”, recorda. Após a cirurgia, o bombeiro ficou de licença por 15 dias e, na volta ao trabalho, evitava serviços mais pesados. Chefe da guarnição da viatura, André é responsável por definir o material a ser usado em um resgate e a estratégia de execução do salvamento.

“Se Deus dá uma chance a alguém para continuar a viver, não sou eu quem vai negar.”

AÇÃO E PENSAMENTO POSITIVOS

Em seu dia-a-dia, André de Souza Chagas já se acostumou a enfrentar com tranqüilidade toda sorte de imprevistos. Às vezes, porém, o inesperado torna-se motivo de risadas. O “herói da vida urbana”, que tira de letra a doação de sangue e de medula, confessa que uma vez perdeu o fôlego por causa de um macaco-prego de grande porte que apareceu em um posto de gasolina, no Largo do Machado, na Zona Sul do Rio de Janeiro. “Corremos muito para conseguir capturá-lo e, no fim, ele fugiu. Estávamos todos exaustos”, relembra o bombeiro, em meio a risos. Mesmo quando o salvamento deixa de ter um “final feliz”, o desânimo passa longe desse bombeiro, que nunca pensou em deixar sua profissão.

Desde o pedido de resgate para um animal de estimação até o drama de um operário que, ao limpar vidraças, fica preso em um equipamento no 17º andar de um prédio, tudo é motivo para prestar socorro. “Quando estamos diante de situações mais dramáticas, não tenho medo e sempre penso positivo, acreditando que estou preparado para solucionar o problema”, comenta André. Foi com essa mesma lógica que ele se entregou à doação de medula. “Estou seguro de que posso contribuir para que alguém tenha chance de cura”, diz. Quanto aos pré-requisitos para se tornar um doador de medula, André não hesita: “Basta a vontade de ajudar o próximo. É muito importante fazer diferença na vida dos outros. Se você puder fazer algo para ajudar alguém, não meça esforços”, aconselha.



No momento da entrevista: pausa para mais um resgate



No dia-a-dia, tranqüilidade para planejar as tarefas



Foto do acervo da família

André tem o apoio incondicional da família



Foto Divulgação CBMRJ

Desafios inusitados....



Foto de Gabriel Jabour

... e salvamentos bem-sucedidos

SERVIÇO

REDOME AMPLIA NÚMERO DE DOADORES

O Registro Nacional de Doadores Voluntários de Medula Óssea, instalado no INCA, está ampliando o número de doadores cadastrados em razão das campanhas de sensibilização. Quanto mais pessoas se cadastrarem, maiores são as chances de o paciente encontrar um doador compatível. Entre brasileiros, a possibilidade é de aproximadamente uma em 100 mil. As informações sobre todos os pacientes com indicação para transplante são armazenadas no Registro Nacional de Receptores de Medula Óssea (Rereme), também coordenado pelo INCA. Hoje há cerca de 900 cadastrados em busca de um doador compatível.

COMO SE TORNAR UM DOADOR

- Qualquer pessoa entre 18 e 55 anos com boa saúde (sem doença infecciosa ou incapacitante) poderá cadastrar-se para doar medula óssea. Para isso, basta procurar o hemocentro de seu estado.
- Caso haja compatibilidade, o candidato será convocado a realizar a doação.
- Para o doador, a doação será apenas um incômodo passageiro, pois a medula se recompõe em menos de 15 dias. Para o doente, é a diferença entre a vida e a morte. A doação de medula óssea é um gesto de solidariedade e de amor ao próximo.

ONDE DOAR?

O cadastro como doador voluntário de medula óssea pode ser feito nos hemocentros de cada estado. No Rio de Janeiro, além do Hemorio, o INCA também faz a coleta de sangue e o cadastramento de doadores voluntários de medula óssea. Para mais informações: (21) 2506-6064. Para verificar a lista completa de endereços, basta acessar o site do INCA, na página http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?ID=2146.

COMO É FEITA A DOAÇÃO?

O interessado deve procurar o hemocentro de seu estado com documento de identidade original. Será retirada pela veia do doador uma pequena quantidade de sangue (5 ml) e preenchida uma ficha com informações pessoais. O sangue será tipado por exame de histocompatibilidade (HLA), que é um teste de laboratório para identificar as características genéticas que podem influenciar o transplante. O tipo de HLA do doador será incluído no cadastro do banco de medula para quando houver paciente compatível.